

# Vítima de câncer, morre aos 80 anos o historiador Sérgio B. Holanda

SÃO PAULO — Sérgio Buarque de Holanda, o autor de "Raízes do Brasil", professor, historiador e escritor, com 80 anos, morreu ontem de manhã em São Paulo, em sua casa, no bairro do Pacaembu, depois de receber, na véspera, a unção dos enfermos, do cardeal arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns. A família não permitiu entrevistas e fotografias, mas deixou as portas abertas para os pêsames. Sérgio Buarque sofria de câncer no pulmão e uma pneumonia agravou-lhe o estado.

Há 10 dias, ele deixou sua cama — pela última vez — descendo para almoçar. À mesa, estavam Luiz Inácio da Silva, o "Lula" — presidente nacional do PT, partido do qual era sócio-fundador —, o deputado Eduardo Suplicy e o filho, o compositor Chico Buarque de Holanda. Falaram de política, eleições, mas um momento ficou gravado na memória. Sérgio Buarque de Holanda chegou a cantar uma marchinha carnavalesca: "Sassaricando". Mas, com um toque pessoal: cantou em latim.

Sérgio Buarque de Holanda será cremado hoje às 10 horas no Cemitério de Vila Alpina. Deixa mulher Maria Amélia e 7 filhos: Chico, Heloíse Maria, Sérgio Alvaro, Augusto, Maria do Carmo, Ana Maria e Maria Cristina.

## PAULISTANO

Ele era paulistano: nasceu no bairro da Liberdade em 11 de julho de 1902. Faria, portanto, 80 anos. Mas o sobrenome revelava as antigas origens. O pai era pernambucano, assim como todos os demais ancestrais: Christovam Buarque de Holanda Cavalcanti. Teve, na infância, uma vida bastante tranqüila. E como dizia seu amigo, Sérgio Milliet, ambos faziam parte de uma espécie de "jeunesse dorée" da então provinciana São Paulo. "E como não nos faltasse tempo, líamos muito, líamos tudo, ele em particular, que nos trazia as notícias mais recentes da vida intelectual e artística do ultramar. Por ele soubemos de alguns franceses ilustres mas, principalmente, das evoluções que se processavam nas letras inglesas e alemãs", escreveu o amigo em 1964, lembrando aqueles velhos tempos onde a seriedade não era o forte de Sérgio Buarque de Holanda.

Com sua curiosidade e disposição — além da postura alta (1,78m) mas esquisita que compunha perfeitamente com a falta de seriedade com que encarava o que fazia —, esse era exatamente o momento em que na acanhada São Paulo surgiam os modernistas e sua "semana de arte" não poderia ser de outra forma e ele se torna um dos mais jovens participantes, embora já estivesse morando no Rio de Janeiro. Afinal, já era bastante conhecido na cidade. Havia passado pelos principais colégios - o "Caetano de Campos", Escola Pública Modelo de São Paulo, o Colégio de São Bento e o Diocesano, os mais importantes entre os particulares.

## CRÍTICO LITERÁRIO

Foi nos tempos de colégio que estreava como crítico literário, com apenas 17 anos, no Correio Paulistano,

levado por Afonso Taunay que já ouvira falar de sua capacidade. No entanto, foi através de Guilherme de Almeida que se colocou em contato com a revolução estética que surgia na capital paulista. Quando os modernistas fundam sua revista, Klaxon, Mário e Oswald de Andrade o nomeiam como seu representante no Rio. Na então capital brasileira, freqüentando os saraus literários da hoje Livraria Freitas Bastos, conhece Prudente de Moraes, Netto (Padro Dantas) e começa a redigir com ele nova revista: Estética. Nesta, colaboram Ronald de Carvalho e Graça Aranha. O espírito inquieto, que revela o pesquisador e crítico, se aguçava cada vez mais.

Foi nessa época que se formou em Direito pela então Universidade do Brasil, tendo como colegas de turma Prado Kelly e Vasco Leitão da Cunha. Mas a mente já se encaminhava para o estudo da história brasileira, suas instituições. Mesmo o curto período em Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, não conseguiram fazê-lo se afastar da pesquisa. Foi para aquela cidade como promotor público, função que poderia esperar após a formatura em Direito.

Mas, irrequieto, Sérgio não ficou muito tempo na pacata Cachoeiro, mesmo tendo fundado um jornal local. Em 1929 embarca para a Alemanha onde ficou dois anos como correspondente das publicações modernistas, de O Jornal, do Rio e traduzindo para o português os textos da revista comercial "Duco", dedicada ao comércio entre os dois países. Tudo isto além de freqüentar vários cursos de extensão universitária. Anos depois reconhecera que essa foi uma fase muito difícil em sua vida.

## "ASSOCIATED PRESS"

De volta ao Brasil, dois anos mais tarde, ingressa na "Associated Press" onde se torna o redator-chefe da agência de notícias norte-americana - já havia trabalhado nela e na antiga Havas na década de 20.

Paralelamente se torna professor, pela primeira vez, quando o então prefeito Pedro Ernesto funda a Universidade do Distrito Federal, para ser assistente de Henri Hauser na cadeira de "História Moderna e Econômica da Faculdade de Filosofia". Com o regresso de Hauser à Europa, ele assume a Cátedra, além da cadeira de "Cultura Luso-Brasileira" da Escola de Economia e Política, e "Literatura Comparada".

E nessa época que lança seu primeiro livro, "Raízes do Brasil", mas somente em 1939, em plena vigência do Estado Novo, se torna permanentemente crítico literário ao substituir Mário de Andrade - o mesmo que anteriormente o fizera seu representante do Rio - numa coluna dominical no Diário de Notícias. Na mesma época assumiu a chefia da Seção de Publicidade da Biblioteca Nacional. Mas admitiu, anos mais tarde, que o período de crítico onde sempre foi considerado um dos mais importantes do país — não lhe dava sau-

dades. "Nunca tive, realmente, muito amor à crítica que fiz em caráter transitório, como ganha-pão".

No pós-guerra se transfere para São Paulo onde leciona na Escola de Sociologia e Política e assume direção do Museu Paulista em substituição a Afonso Taunay, exatamente o mesmo que publicara seus primeiros artigos. Pouco antes fôra candidato a vereador pelo Partido Socialista Brasileiro. Na "Sociologia", foi professor de "História Econômica do Brasil" e participou de vários congressos internacionais promovidos pela UNESCO.

## ADIDO CULTURAL

Em 1952, no entanto, mais uma mudança para o exterior. Nomeado Adido Cultural Brasileiro em Roma, Sérgio Buarque de Holanda seguiu para lá com sua família composta de mulher e sete filhos. Nos dois anos que passou na Itália acumulou o cargo de professor de "Estudos Brasileiros", na Universidade de Roma. Nessa época, já tinha publicado várias outras obras como "Cobra de Vidro", "Monções", "Caminhos e Fronteiras", muitas delas já traduzidas para outros idiomas. Em sua casa, no bairro do Pacaembu, sempre mostrava aos visitantes a segunda edição de "Raízes do Brasil" — um livro que há pouco tempo afirmou que, pelo menos não mais o escreveria daquela maneira —, editada no Japão.

Em seu regresso a São Paulo, passa a lecionar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, onde ocuparia a Cátedra de História da Civilização Brasileira, a partir de 1956. Neste cargo ficou até o final de 1969 quando, em solidariedade aos colegas que foram cassados, se aposentou.

E repetia sempre que não fôra cassado, como muitos pensaram inicialmente. "Fiquei apenas um dia a mais do que eles", dizia. Foi ainda nesse novo período em São Paulo que foi eleito, em 1958, para a Academia Paulista de Letras, exatamente na vaga de Afonso Taunay. "Fizeram-me candidato sem que o soubesse, da mesma maneira que me elegeram". Seu espírito crítico fez com que assumisse a vaga apenas três anos depois de sua eleição. Pelo mesmo motivo - não se considerar um "acadêmico" - recusou várias indicações à Academia Brasileira de Letras.

Aposentado, Sérgio Buarque de Holanda continuou a pesquisar e a escrever. Seu último livro "Tentativas de Mitologia", foi publicado em 1980, mas as obras mais antigas continuaram sendo reimpressas. Nos últimos anos, no entanto, temendo a morte, ele concluía a enorme "História Geral da Civilização Brasileira". Mesmo assim, trabalhando em ritmo intenso para ver concluída sua obra, sobrava tempo para com ironia e espírito de diversão lembrar que atualmente ele era mais conhecido como "o pai do Chico". "por algum tempo", dizia, "o Chico era que aparecia como o filho do Sérgio".

## Faoro lamenta a perda do seu "grande amigo"

A Gazeta do Povo  
Curitiba  
25.04.82

RIO — "Estou muito sentido, perdi um grande amigo", disse, chocado ao saber da morte de Sérgio Buarque de Holanda, o jurista e historiador e ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Raimundo Faoro, que o considerava "o maior historiador brasileiro nos últimos tempos, um grande escritor, que tinha magia para escrever a história, aliando a pesquisa ao gosto literário".

Raimundo Faoro — que sempre jantava com o historiador quando este vinha ao Rio — lembrou que ele era pessoa admirável sob todos os pontos de vista. Como mestre ajudava a todos, com subsídios e na crítica era amável. "Todas as gerações lhe são contemporâneas. Deixou uma obra importantíssima, um pouco dispersa, que deveria ser levantada, reunida e editada" sugeriu Faoro.

Procurado pela imprensa, o professor, ex-ministro e ex-senador Afonso Arinos de Melo Franco, já sabia da morte de Sérgio Buarque de Holanda, que era casado com "minha prima-irmã". "estou muito atingido. Era dos meus mais velhos amigos, representava uma espécie de guia e líder da cultura. Pode e deve ser considerado uma das mais altas expressões do humanismo cultural de toda a vida brasileira".

Para Afonso Arinos, o último livro do historiador "Tentativas de Mitologia" foi autobiográfico, pois Buarque de Holanda escreveu inclusive o prefácio. Lembra Melo Franco que perdeu-se um historiador que fazia crítica, filosofia-crítica e política e foi o coordenador da história geral das civilizações e escritor de "Raízes do Brasil".